



A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)



Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) - Sede do Projeto (UFPR/Campus Rebouças, sala 33)

Apresentação

Retomando as atividades do projeto em 2022, desejamos um ano mais leve, com perspectivas positivas sobre a retomada de atividades presenciais, de reencontros (sempre com os devidos cuidados), de maior proximidade.

Que possamos, mais do que nunca, saber valorizar esses momentos e oportunidades de convivência, de aprendizado, que envolvem nossas atividades acadêmicas.

Neste Boletim, o tema são os/as estudantes, com exemplos de fontes, por meio das quais podem ser acessadas suas vozes, ações, vivências.

Esperamos que contribua para novas pesquisas que os/as envolvam...

NESTE NÚMERO

FONTES PARA ACESSAR A PERSPECTIVA DO ESTUDANTE

SOBRE O ALUNO NÃO ENVOLVIDO COM O MOVIMENTO ESTUDANTIL

SOBRE O ALUNO QUE ATUA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

A VOZ QUE TENTARAM APAGAR

DIVULGAÇÃO

Como uma nova ação do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, criamos para 2022, uma página no Facebook, e uma no Instagram:



<https://www.facebook.com/historiasememoriased>

PROJETO DE EXTENSÃO

Histórias e Memórias sobre Educação



<http://instagram.com/historiasememoriased>

FONTES PARA ACESSAR A PERSPECTIVA DO ESTUDANTE

PROPONENTE PRINCIPAL DESTES MATERIAIS: LUIZ FELIX MIGUEL BOUARD

Você leitor, provavelmente já foi um aluno, assim como eu. Talvez com outro currículo, com matérias e métodos de ensino diferentes, talvez em outro contexto no qual a escola deveria ser rígida e firme com os alunos, a fim de formar cidadãos exemplares ou trabalhadores com muitos conhecimentos técnicos.

Isso porque a escola muda muito de acordo com a época, os motivos podem ser desde a inovação de práticas pedagógicas, até o surgimento de um novo projeto político por meio do qual se muda o papel da educação.

Você quando estava na escola, provavelmente viu surgir novos projetos educativos, professores com métodos antigos dando lugares a professores com métodos mais novos, viu alguns temas sendo tratados de outras maneiras, disciplinas surgindo e desaparecendo. Inclusive a própria História da Educação nos mostra que o aluno foi ganhando centralidade no ambiente escolar, isso porque o aluno, mesmo que nem sempre atue ativamente, sempre presencia essas mudanças na educação, sendo de muita importância essa perspectiva para se estudar a história dela. Por isso, neste boletim você verá algumas fontes que podem ser usadas para acessar essa perspectiva, ao longo da sua leitura perceberá que elas são diversas, de vários criadores, modos de produção ou finalidades.

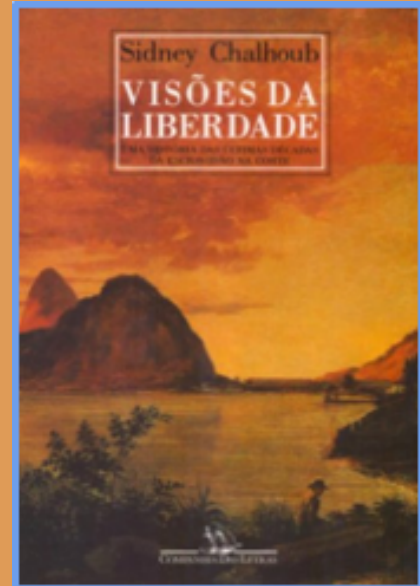
SOBRE O ALUNO NÃO ENVOLVIDO COM O MOVIMENTO ESTUDANTIL

Antes de continuar acho necessário esclarecer que algumas pesquisas darão enfoque a perspectiva do estudante enquanto não participante no movimento estudantil, que geralmente aparece de forma secundária em pesquisas sobre projetos implementados na escola como em SILVA(2008), na qual as respostas dos estudantes sobre os questionários feitos pela Orientação Educacional podem dar pistas sobre problemas e visões dos alunos em geral, como a falta de perspectiva em uma carreira profissional, seu perfil econômico e social. Até porque a educação não se fundamenta somente em bases curriculares bem idealizadas, é no contato com os alunos, sua execução prática que vai mostrar seus reais desdobramentos. Por exemplo nos trabalhos de LUFT(2012) e de SILVA(2019), nas quais usam boletins de ocorrências referentes a alunos, e também o próprio livro de ocorrências da escola, para mapear aspectos como a violência escolar, o tratamento da escola para com alunos “indóceis”, e em quais contextos esse tipo de infração mais aparece. (infelizmente esses trabalhos não tratam de um período muito anterior ao atual, muitos desses documentos são descartados ou incinerados, mas poderiam ser de muita utilidade caso preservados para estudar o contexto escolar de uma época, como influenciou e foi influenciado por algumas mudanças na legislação, projetos pedagógicos e pelo próprio contexto, já que é muito mais comum em lugares mais afetados pela desigualdade social).

Mesmo sendo documentos, feitos para registrar infrações dos alunos para fins legais e protetivos, esse tipo de fonte pode ser muito útil como uma forma de “engenharia reversa”: a partir destes documentos o pesquisador poderia descobrir como esses atos infracionais se relacionam com o contexto da época, como o tratamento referente a eles mudou com o passar do tempo, e reconstituir o quadro mais amplo do período pesquisado.

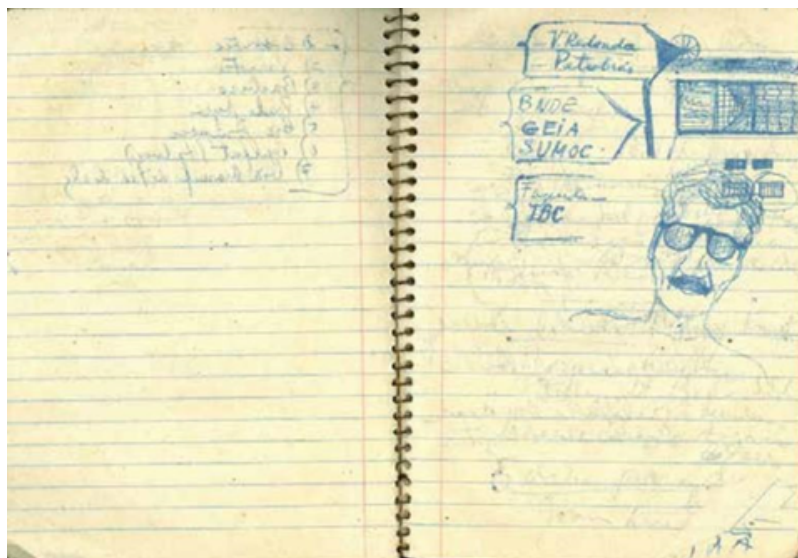
Um exemplo disso é o livro “visões da liberdade” que usa os processos criminais e de obtenção de alforria de negros no Brasil, para reconstituir a história dessa população marginalizada, geralmente excluída de fontes oficiais. Essa população normalmente tratada como objeto, se torna sujeito através de uma abordagem melhor dessas fontes, paralelo que pode ser feito entre o livro e os trabalhos acadêmicos citados.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



“As atitudes e as formas de “querer chamar as atenções” refletiam indisciplina frente ao sistema político da época”(SILVA,2008, p. 64). O diretor do Colégio Estadual do Paraná relata que demonstrações de insubmissões e revoltas eram mais recorrentes no turno da noite (os alunos eram mais velhos, muitas vezes trabalhavam e tinham uma posição política mais definida). Uma prova disso é a seguinte “pegadinha” que também foi um ato de revolta: “Eu passei uma fase muito difícil que foi na época militar, que muitos alunos se rebelavam e colocavam uma bomba, dessas mais poderosas, com cigarro no estopim e o fogo ia vagarosamente chegando até o estopim. Eles colocavam isso no banheiro. Tive problemas seriíssimos, assim, da porta do sanitário estar lá no corredor, de tal explosão, de chegar a desaparecer o vaso sanitário. Mas isso era de convulsão meio geral, não era só no Colégio Estadual. Eles queriam chamar atenção contra o sistema existente na época no Brasil, não era contra o Colégio Estadual. (...) Graças a Deus, eles faziam de tal sorte, que quando as nove horas da noite, já estavam em sala de aula, era aí que havia a explosão (...) Eu sabia quem eram as pessoas, eu já tinha uma relação com fotografia e tudo. (...) Mas o quê que eu podia fazer? A única atitude que podia fazer era de suspender e expulsar. (...) Isso era sempre à noite.” (SILVA,2008, p. 64, 65)

Outra fonte muito útil sobre o aluno em geral é o caderno, ele contém grande parte da experiência escolar do aluno. Depois de passar por alguns desenhos e anotações sem nexos com o conteúdo da aula, o caderno pode mostrar que tipo e como o conteúdo era abordado em sala, o que o aluno passava para o caderno, e de acordo com as correções feitas pelo professor, o que ele não passava também. Para manter o foco do boletim, o uso do caderno escolar como fonte histórica não será mais prolongado. No entanto, se for de interesse do leitor o tema está mais desenvolvido em nosso boletim Nº 11.



Momento de distração em sala de aula. Ilustração retirada de CUNHA, Maria T.; SOUZA, Flávia. Viver e escrever. Insular, 2015. Disponível em: http://wwwI.udesc.br/arquivos/id_submenu/2I98/viver_escrever.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

Uma dificuldade ao utilizar cadernos como fonte pode ser a dificuldade em encontrá-los em bom estado. Geralmente esse tipo de material é descartado passado algum tempo da formação, assim como provas corrigidas, redações e até desenhos.

Exemplos do porquê é necessário a conservação desse tipo de material, provas corrigidas podem mostrar a apropriação do aluno sobre os conteúdos, em questões discursivas e suas correções pode se perceber a interação entre a perspectiva do aluno, e o que o professor estava exigindo dele sobre alguns temas. Desenhos feitos pelo aluno podem evidenciar ideias e valores transmitidos na escola, ou correntes naquele contexto para a faixa etária do aluno, algo que geralmente é muito subjetivo e não está presente em fontes escritas.



Marcas de subjetividade. Ilustração retirada de CUNHA, Maria T.; SOUZA, Flávia. Viver e escrever. Insular, 2015. Disponível em: http://wwwI.udesc.br/arquivos/id_submenu/2I98/viver_escrever.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

Um exemplo é a exposição “a pesar de todo dibujan” ou apesar de tudo desenham, uma exposição que mostra desenhos feitos por crianças evacuadas para áreas distantes do confronto durante a guerra civil espanhola. Neles podemos perceber como essa época conturbada afetou o imaginário das crianças através de seus desenhos.



Ilustração de capa de a pesar de todo dibujan. BIBLIOTECA NACIONAL DA ESPANHA. A pesar de todo dibujan. Madri: Biblioteca Nacional da Espanha, 2006.

Além dos documentos produzidos pelos próprios alunos sem ser algo oficial, existem os documentos produzidos após reuniões de professores, conselhos de classe, onde os professores debatiam sobre vantagens e dificuldades ao lecionar para uma turma. Esse tipo de documento pode mostrar como os professores, agora em coletivo, lidavam com alunos “indóceis”, o que faziam com alunos que já não poderiam passar de ano, e alunos que já não viam futuro no ambiente escolar.

SOBRE O ALUNO QUE ATUA NO MOVIMENTO ESTUDANTIL

Em contraponto àquele aluno organizado nos movimentos estudantis (ME), geralmente aparece quando se estuda momentos de embate, por exemplo a resistência do movimento estudantil à ditadura civil-militar. Nesse caso como objeto principal de estudo (como na dissertação sobre o movimento estudantil de Piracicaba e de Campinas, de MOLINA(2021) e PEREIRA(2006) respectivamente) nesse caso fontes como folhetos, boletins e jornais acadêmicos mostram como foi dissonante o posicionamento dos estudantes durante a ditadura civil-militar por exemplo, no texto sobre o ME de campinas de PEREIRA(2006) Isso fica mais evidente ainda quando cartas-abertas de estudantes não-organizados sobre o ME são lidas, como por exemplo o artigo escrito por um estudante de engenharia elétrica que pode ser conferida abaixo:

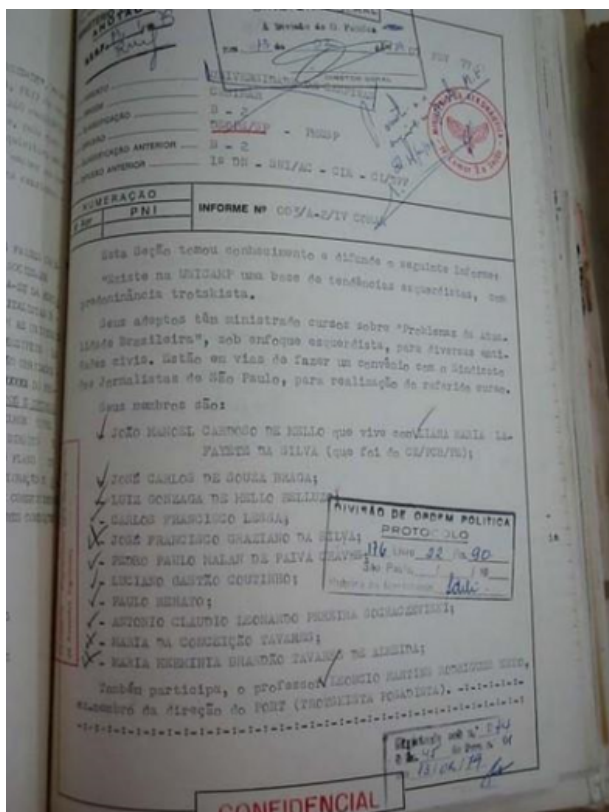
“O DCE/Unicamp não foi criado nem parido; foi cagado. Em 1977, o Porta Aberta (atual Convergência Socialista ou Mobilização Estudantil ou sei lá o quê) queria criar o DCE, mas o resto da vanguarda bloqueou o processo, pois aquele grupo certamente seria eleito para a primeira gestão. Em 78, com o enfraquecimento do Porta Aberta, os demais “líderes estudantis” (que haviam bloqueado a construção do DCE no ano anterior) forçaram e acabaram criando a entidade ‘máxima’ dos estudantes da Unicamp. O primeiro boletim do DCE dizia: ‘até que enfim o DCE foi parido’. Eu acho que foi cagado, mas isso é apenas uma questão de referencial.”

Ficam evidentes as relações complexas e muitas vezes sem coesão entre os estudantes; planos de ação de chapas candidatas ao ME, que trazem inúmeros posicionamentos sobre a ditadura, de alguns grupos filiados a variados partidos políticos, seguindo diversas vertentes como o trotskismo ou até mesmo sem nenhum embasamento teórico. Portanto, o uso de fontes relacionadas ao estudante pode facilitar a compreensão do porquê e como algumas situações ocorreram, quais foram os desdobramentos desses acontecimentos, devido à composição diversa dos estudantes como de toda sociedade.



Carta-programa anti-chapa (eleições 80-81), apresentava ideias da corrente e críticas ao processo eleitoral do momento. Ilustração retirada de PEREIRA (2006).

Ainda tratando sobre fontes referentes ao ME, podemos citar os dossiês feitos por órgãos de repressão, como o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), feitos na época como meio de subsidiar o delegado responsável pela perseguição às pessoas contrárias ao regime ditatorial. Eram utilizados para identificar lideranças de movimentos estudantis, e outros envolvidos na luta contra o regime, continham informações diversas sobre os indivíduos e suas respectivas organizações, como no exemplo abaixo.



Informativo DOPS, mapeamento de possíveis professores subversivos. Ilustração retirada de PEREIRA (2006)

DOPS vigiando estudantes de Piracicaba na missa, marcados pelos números 1 e 2 (marcações feitas pelos agentes, indica especial atenção nos dois indivíduos) estão respectivamente o deputado João Pacheco Chaves (MDB) e Antônio Felix Domingues (na época presidente do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz). Foto feita por agentes do DOPS em 1975. Ilustração retirada de MOLINA (2021).



A VOZ DE QUEM TENTARAM APAGAR

Muito do que aconteceu com militantes do ME durante a ditadura militar, por exemplo, não foi documentado, até mesmo nos documentos produzidos pelos movimentos de resistência, já que muitos folhetos e boletins não sobreviveram por muito tempo. Também muita coisa não foi registrada, justamente devido à repressão, porque poderia depois ser usada para acusação dos estudantes, pelo DOPS. Por isso, se faz necessário o uso de fontes orais muitas vezes, por exemplo no livro “cale-se” de COSTA (2003)



Apresentação de Gilberto Gil na Escola Politécnica da USP. Imagem de capa de vídeo no youtube com gravação de áudio da apresentação. Retirada de <https://youtu.be/tZp09BSeS3g>

Ou em “depoimentos para a história: a resistência à ditadura militar no Paraná” (OLIVEIRA; BACILA; CALCIOLARI, 2014) projeto que reúne depoimentos de pessoas que lutaram contra o governo ditatorial e remonta o período no estado do Paraná, disponível em formato de livro e também em uma lista de vídeos no canal “DHPaz” . Ambos usam fontes orais para compreender melhor a atuação do movimento estudantil durante a ditadura civil-militar. No entanto, é necessário lembrar que as fontes orais possuem especificidades, devido a traumas, memórias e por estarem distantes do ocorrido. Com isso tanto a mensagem como o modo que é transmitida importam para a pesquisa, enriquecendo-a. Portanto, como toda fonte histórica, ela não pode ser o único embasamento de uma pesquisa, é necessário o cruzamento com outras fontes para uma visão mais ampla do objeto sendo pesquisado. Todavia, novamente para manter o foco do boletim o tema fontes orais não será prolongado. Portanto, se você se interessou e quer um boletim que explore melhor esse tema acesse nosso boletim Nº 15.



Foto de capa do vídeo com o depoimento de José Ferreira Lopes (Dr. Zequinha) para a série de vídeos depoimentos para a história. Retirada de <https://youtu.be/3PcApukNnsI>

O boletim sobre fontes para se acessar a perspectiva do estudante é encerrado neste parágrafo. No entanto, ainda há muito para pesquisar sobre este tema, sendo este texto uma forma de mostrar alguns dos vários caminhos que podem ser trilhados a partir dessas fontes e perspectivas. Durante a elaboração do texto algumas dificuldades foram encontradas, o pouco volume de trabalhos acadêmicos sobre o tema da violência escolar por exemplo, nos mostram que alguns aspectos da vida escolar estão longe de serem plenamente abordados, com sua investigação devendo ser sempre incentivada.

REFERÊNCIAS

MOLINA, Rodrigo Sarruge. Estudantes lutando pela liberdade: a resistência e o combate à ditadura, Piracicaba/SP - 1964 a 1982. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá, v. 21, e156, 2021. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-00942021000100215&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 May 2021.

PEREIRA, Mateus Camargo. **Tecendo a manhã**: Historia do Diretorio Central dos Estudantes da Unicamp (1974/1982). 2006. 2v. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253012>>. Acesso em: 7 ago. 2018.

SILVA, Alicia Mariani Lucio Landes da. **Tempo de indicar caminhos**: o serviço de orientação educacional no Colégio Estadual do Paraná (1968-1975). 2008. 109 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Defesa: Curitiba, 25/03/2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/16945>. Acesso em: 12 mai. 2021.

COSTA. C. T.: Cale-se. Editora Girafa. São Paulo - SP. 2003

OLIVEIRA, Narciso Pires de; SAHD, Fabio Bacila; CALCIOLARI, Silvia. **Depoimentos para a história**: a resistência à ditadura militar no Paraná. Curitiba: DHPaz, 2014.

LUFT, Sibila. **REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA INFÂNCIA INDÓCIL**: análise dos registros de ocorrência em uma escola municipal de Santa Maria/RS. 2012. 167 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

SILVA, Fabrine Leonard. **Atos infracionais e delitos em contextos escolares em Belo Horizonte e em Bogotá**. 2019. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação - Conhecimento e Inclusão Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/32138>. Acesso em: 21 maio 2021.

CUNHA, Maria T.; SOUZA, Flávia. Viver e escrever. Insular, 2015. Disponível em: http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2198/viver_escrever.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)

Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

EQUIPE

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)

Carlos Wilson de Lima (Geografia)

Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)

Emanuel Diogo Lima dos Santos (História - Bolsista Extensão)

Isabella Aparecida Pinto Lopes (História - Bolsista Extensão)

Luiz Felix Miguel Bouard (Pedagogia)

Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia - Bolsista Extensão)

CONTATO

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em:
<http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/>

Diagramação: Moara Milléo

